

## O problema é Lukashenko, não são os refugiados

*Lukashenko sabe como a imigração divide a UE, que quer enfraquecer. Quer a revogação ou o alívio das sanções. Quer forçar a negociação, ser aceite como interlocutor, o que significaria reconhecer a sua legitimidade política.*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 16 de Novembro de 2021**

Algures nas florestas geladas entre a Bielorrússia e a Polónia há uma tragédia humanitária às portas da Europa. Para uns é uma crise migratória, para outros [uma guerra híbrida](#). Será, certamente, as duas coisas. Mas não é mais que o último episódio do conflito crescente entre a Bielorrússia e a União Europeia.

A história começa com [a reeleição fraudulenta de Lukashenko](#). A União não lhe reconhece legitimidade e impõe-lhe sanções. Agrava-se com o acto de pirataria aérea de Lukashenko, que faz desviar um voo comercial com o objectivo único de sequestrar um passageiro, por sinal, opositor ao seu regime. A tensão aumenta e seguem-se novas sanções. Agora, Lukashenko decidiu instrumentalizar migrantes e refugiados, isto é, usar o tráfico de seres humanos como arma de pressão política sobre a Europa.

Desde o Verão de 2021 que milhares de pessoas vindas do Iraque, da Síria e de outros locais do Médio Oriente voaram para a Bielorrússia, obtiveram, facilmente, vistos de entrada e, uma vez em Minsk, foram escoltados pelas forças militares bielorrussas para os confins da União Europeia. A Polónia fechou-lhes a fronteira e a Bielorrússia impede-os de voltar para trás. São milhares, sem comida, sem água, sem medicamentos e sob temperaturas negativas. Nove pessoas morreram já de hipotermia. [Uma verdadeira tragédia](#).

Não é a primeira vez que a Europa se confronta com uma tal crise humanitária. Em 2015 um milhão de refugiados chegaram à Europa fugidos das guerras no Médio Oriente e da instabilidade em África. Mas agora é diferente: o fluxo não é alimentado por redes privadas de criminalidade organizada e tráfico de seres humanos à procura de lucro fácil; é incentivado, promovido e orquestrado por um Estado com objectivos políticos definidos. E os objectivos de Lukashenko são evidentes. Sabe como a questão da imigração e dos refugiados é divisiva na Europa. Quer lançar a discórdia e enfraquecer a União Europeia. Quer forçar a revogação ou o alívio das sanções económicas. Quer forçar a negociação, isto é, ser aceite como interlocutor, o que significaria o reconhecimento da sua legitimidade política. E não desdenha, claro está, a lucrativa fonte de rendimento que é o tráfico dos refugiados.

Ora, é por isso que esta tragédia sendo uma crise migratória é também um ataque híbrido de Lukashenko. À boa maneira da guerra híbrida que o seu aliado Putin tem usado no leste da Ucrânia. E é por isso que a resposta da União Europeia é tão difícil. Porque a Europa está confrontada com um dilema: ou deixa entrar os refugiados e aceita a chantagem, legitimando o tráfico e deixando Lukashenko a cantar vitória; ou, pelo

contrário, trava a entrada dos refugiados e agrava a crise humanitária, arriscando violar o direito internacional e os seus próprios valores.

É claro que as divisões entre estados membros e a política disfuncional de emigração e asilo da União Europeia não facilitam, mas a Europa não pode deixar-se ficar refém deste dilema. Deve responder com igual firmeza, mas separadamente, à crise migratória e à guerra híbrida. No que respeita à crise migratória, sabemos que ao instrumentalizar refugiados, a dignidade e o valor da vida humana não contam para Lukashenko. Mas têm que contar para a União Europeia, que deve agir de acordo com os seus valores humanitários e as suas obrigações legais. Mais, pode e deve travar o fluxo dos refugiados, negociando, não com Minsk, mas com os países de origem.

No que respeita à guerra híbrida não deve haver hesitações e deve ficar claro que a União Europeia não aceita a chantagem, nem nenhuma das pretensões de Lukashenko. Primeiro, que as sanções económicas não só não serão levantadas como devem ser agravadas. Segundo, que não se lhe reconhece legitimidade política e, portanto, não é um interlocutor credível. Ao contrário do que sucedeu com o acordo com a Turquia de Erdogan, na crise dos refugiados em 2015, a União Europeia não negocia com a Bielorrússia de Lukashenko. Finalmente, a condição mais difícil em todo este o processo: manter a unidade e a coesão da Europa. Entre a crise migratória e a guerra híbrida convém que a União Europeia não se engane: o problema é Lukashenko, não são os refugiados.

<https://www.publico.pt/2021/11/16/opiniao/opiniao/problema-lukashenko-nao-sao-refugiados-1985194>